

A ocupação dos Sabanê da área dos rios Roosevelt e Tenente Marques (parecer antropológico e linguístico)

The occupation of the area between the Roosevelt and Tenente Marques Rivers by the Sabanê (an anthropological and linguistic expert's report)

Edwin Reesink*

Resumo: O objetivo deste texto é fornecer subsídios antropológicos e linguísticos que resumem o estado do conhecimento nesses dois campos a respeito do território histórico de ocupação do povo Sabanê antes que foram removidos, por uma série de injunções de ordem involuntário, da região que consideram como sendo legitimamente “*a sua terra*”. Para tal, utilizamos as fontes históricas disponíveis, tanto documentos escritos como a tradição oral dos Sabanê, que, frisa-se, esclarecem a história da sua expulsão das aldeias originais na região compreendida entre os rios Roosevelt e Tenente Marques (e as áreas laterais nas margens desses rios), o subsequente deslocamento para a aldeia Aroeira, e mostra algo do modo de vida atual nessa Terra Indígena fora da região tradicional dos Sabanê. Os pontos mais importantes desse percurso constituem a construção da Linha Telegráfica por Rondon, a decadência da Linha, o avanço dos Cinta Larga e o reagrupamento organizado pela Funai na época da frente colonizadora da BR 364. Hoje os Sabanê moram em terra alheia, compartilham a aldeia com outros povos e expressam o desejo legítimo de retornar à sua terra de origem para construir uma aldeia etnicamente homogênea: um retorno à sua terra e uma morada de e para os Sabanê.

Palavras-chave: conjunto Nambikwara; Sabanê; história indígena; retorno a território.

Abstract: This paper was written in order to furnish linguistic and anthropological documentation about the historical territory of the Sabanê Indians. Because of a number of involuntary causes this people has been removed from their ancestral lands, the territory they consider to be “*their land*”. We use written documents, oral tradition and oral history to demonstrate their expulsion the region between the Roosevelt and Tenente Marques Rivers, their subsequent relocation at Aroeira, and some of the changes in their mode of life. Important historical events are the building of the Telegraph Line, its decadence, the pressure by the Cinta Larga and the penetration

* Antropólogo, Departamento de Antropologia e Museologia – PPGA – Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: reesink@fnac.net

of the BR364 road in the region. The Funai collected the remnants of the free Sabanê and relocated them on lands pertaining to a different people, in an ethnically mixed village. Hence the desire to return to their ancestral lands and to live in an ethnically more homogeneous Sabanê village.

Key words: Nambikwara ensemble; Sabanê; indigenous history; return to territory.

1 Apresentação (2014)

O parecer que segue foi escrito em 2002 no intuito de auxiliar o povo Sabanê, ou uma parte desse povo, a retornar a uma terra que ocupava cem anos atrás. O parecer segue aqui com pequenas correções, mas mantendo o original, mesmo que o leitor venha a ver que pesquisas posteriores mudaram nossa opinião sobre alguns eventos (em particular a identificação dos Tarundê de Lévi-Strauss; não tinha acesso ainda ao livro de Castro Faria; veja infra).

Nessa época, nós estávamos engajados em pesquisas linguísticas e antropológicas sobre esse povo tão pouco conhecido na literatura e no Brasil. Os Sabanê e os povos que falam línguas do ramo de Nambikwara do norte não se consideram Nambikwara, e cada um destes prefere, se fosse possível, de continuar como unidades separadas e localizadas nas terras que estimam como o seu território. Por causa de uma história muito tribulada, esboçada aqui, o povo Sabanê se viu forçado a abandonar suas terras e sobreviver em diversos lugares até que a maior parte se fixou na Terra Indígena Aroeira (oficialmente a TI Pyreneus de Souza; já situado em Mato Grosso). Terra que pertence a um outro povo, e, portanto, fazendo aos Sabanê sentirem-se em um desconforto considerável. Confrontado com essa situação, em particular instigado pelo senhor Manezinho (principal consultor da pesquisa linguística e também engajado na pesquisa antropológica), resolvemos apoiar a tentativa dos índios e escrever o documento abaixo. A terra onde nasceu seu Manezinho, e outros mais velhos, entre os rios Roosevelt e o Tenente Marques, nessa época pertencia ao Parque Indígena Aripuanã. Ou seja, área habitada por seus antigos inimigos, os mesmos que os expulsaram de toda essa região, os Cinta Larga. Na realidade, nessa época, os Cinta Larga pouco ocupavam a ponta sul do Parque.

Munido com o parecer e o seu desejo forte de retorno às terras ancestrais, seu Manezinho e parte dos Sabanê realmente se engajaram em negociações para viabilizar politicamente o retorno, até que lograram seu intuito. Fundaram, então, a aldeia Roosevelt, depois chamada de Sowaintê, e uma parte do povo se fixou dentro do Parque, adjacente ao rio Roosevelt. O nome da aldeia, como se verá adiante também, se refere a um povo do Nambikwara do Norte com que os Sabanê construíram uma aliança matrimonial para tentar se manter vivo como uma unidade sociopolítica autônoma (veja infra). Visitei a aldeia somente uma vez (2007), já vários anos atrás, e muito rapidamente, mas nota-se que estava bem estabelecida e havia projetos de construção

de edificações permanentes tais como uma escola. Algumas lideranças também intencionavam relocar a aldeia para mais próximo das antigas aldeias, situadas mais no interfluvial dos dois rios. As construções novas, por outro lado, talvez impedissem a mudança pretendida.

Por fim, vale observar que os moradores da aldeia se reportam a diversos sinais da presença de um grupo desconhecido dentro da região entre o Roosevelt e o Tenente Marques, e adjacências. Suspeita-se de que sejam sobreviventes de epidemias mais antigas, dados como mortos no passado. Suspeita-se, então, de que seja um grupo pequeno e etnicamente heterogêneo, supõe-se com pessoas de povo(s) dos Nambikwara do Norte e do Sabanê. Do outro lado, pelo lado do rio Tenente Marques, há alguns sinais observados por Enawenê Nawê que também apontam para a presença de um grupinho autônomo desconhecido (segundo Edison Rodrigues, informação pessoal de 2008). Se porventura se confirmar a existência desse grupo e se fizer um contato permanente, talvez se ganhe uma chance de implementar uma real política consistente de revitalização linguística e sociocultural. “Prever o futuro” não se configura entre as melhores capacidades e utilidades da antropologia. Entretanto é inquestionável que, não obstante alguns progressos políticos e o crescente engajamento dos próprios índios, projetos como o retorno às terras ancestrais não passam de uma condição necessária, porém não suficiente, para alcançar êxito em projetos de revitalização linguística e sociocultural.

2 A ocupação antiga

O povo indígena Sabanê é um povo indígena de língua Sabanê – que pertence à família linguística Nambikwara, sendo que representa o ramo mais afastado –, e que morava em uma região englobada, grosso modo, entre os altos rios Roosevelt e Tenente Marques e em suas duas margens (hoje no leste do atual Estado de Rondônia). Em uma época que a tradição oral localiza antes da chegada de Rondon, ou seja a Linha Telegráfica, os Sabanê ainda se encontravam ao norte da área de outros grupos chamados de Nambikwara, no atual Mato Grosso. No entender de uma das pessoas mais velhas do grupo, os índios moravam para o lado de Mato Grosso, pelo lado de Diamantino, sem dúvida porque esse município é uma das cidades mais velhas na região do extremo noroeste de Mato Grosso e abrangia uma área muito grande no passado. Antes de se deslocar, os Sabanê se aliaram a alguns dos grupos do conjunto Nambikwara e foram inimigos de outros: no primeiro caso, se inclui o grupo conhecido na região como os propriamente ditos Nambikwara (área indígena Nambikwara que consiste basicamente de campo situada na Chapada dos Parecis, ao sul da área mencionada) e,

no outro, os Manduka, que moravam na região que é atualmente conhecida como a Área Indígena Pyreneus de Souza, ou, melhor, localmente é chamado de Aroeira, onde se localiza a atual aldeia principal. Nesse sentido, pelo seu relato, os índios se encontravam numa rede de alianças e guerras ao norte da área Nambikwara e, segundo o informante, habitando principalmente áreas de mata e não fixando-se no campo, como muitos ou quase todos os grupos do conjunto Nambikwara, mesmo quando estes podem ocupar uma faixa de mata contígua ao campo. Por razões de guerra, os índios Sabanê se sentiram ameaçados e resolveram migrar em busca de uma terra mais afastada, fora do alcance dos seus inimigos, onde pudessem viver em paz. Ainda segundo o mesmo relato, os índios seguiram a Linha Telegráfica de Rondon e, portanto, se movimentaram em direção oriental, permanecendo ao norte da região dos Nambikwara do campo e chegando à região ocupada por grupos que falam línguas pertencendo ao conjunto setentrional da família linguística.

A região norte-oriental da macrorregião Nambikwara – i.e. pertencendo à família linguística que se denomina assim sem que sejam grupos e povos que se reconhecem mutuamente como pertencentes a um só povo – era ocupada por um conjunto de grupos diferenciados que partilham uma maior afinidade linguística e que, na literatura, são conhecidos como Nambikwara do Norte. A região habitada se estendia do norte do Vale do Guaporé (mais ao sul habitado por grupos falantes do conjunto Nambikwara do Sul muitas vezes distinguidos do Nambikwara do campo, que, por outro lado, também pertencem ao mesmo conjunto de línguas), até a região em Rondônia. Essa parte passa mais o menos do rio Cabixi para Vilhena e indo, ao norte, até quase o médio rio Roosevelt e, ao oeste, quase alcançando o rio Pimenta Bueno, e que constitui uma vasta região de campos, capões, matas ciliares e manchas de mata de menor até uma maior altura, sem chegar a ser uma mata verdadeiramente amazônica. Toda essa vasta área era ocupada por esses pequenos grupos de índios que se dividiam em pequenos subconjuntos de grupos locais e constituíam uma intrincada rede de alianças e inimizades. Destes os mais conhecidos são os Mamaindê, antigos habitantes da região de Vilhena, ou os, ainda um pouco conhecidos, Negarotê (os mais meridionais), e um número de grupos cujos nomes mal se conhecem, mas a que pertencem os grupos hoje conhecidos como Tawaindê, Latundê e Lakondê. Foi um desses grupos que os Sabanê encontraram, espiaram, perceberam que falavam uma língua incompreensível, mas que não lhes parecia “brabo”, ou seja, não pareciam ter intenções de guerrear. Por isso os Sabanê se aproximaram e concluíram uma aliança com esse grupo a que deram o nome Sowaintê. No início, os dois grupos viveram em paz, próximo um do outro, e algumas pessoas começaram a aprender a se entender na língua do outro. Com um tempo de convivência

social, o que quer dizer participar em festas e rituais como a da moça presa (menarca) que ambos praticavam, se construiu o laço suficientemente forte para trocar parceiros para casamento, e iniciou-se uma troca de mulheres que levou os dois grupos a se aliar mais profundamente. Aumentando o número de população, os Sabanê construíram várias aldeias na região compreendida entre os altos rios Roosevelt e Tenente Marques.

3 A ocupação histórica da região

Quando Rondon (1916, 1922) avançou para construir a Linha Telegráfica e chegou à área do Norte, ele os considerou como pertencendo à grande “Nação dos Nhambiquara”, mas também verificou que foram menos atingidos pelos seringueiros e, para ele, em função desse isolamento maior, se demonstravam menos hostis do que os Nambikwara do campo. Rondon conseguiu fazer um contato pacífico com esses grupos depois que a Comissão da Linha já estabelecera uma fazenda em Três Buritis e, da sua descrição do encontro, fica claro como havia diversos grupos diferentes que, aparentemente, costumavam habitar em mais de uma aldeia. Quando ele pernoitou na aldeia dos índios com que entrou em contato, os índios mandaram avisos sobre sua presença para os vizinhos, e estes vieram visitar para conhecer os estranhos. Ou seja, depreende-se claramente como em uma área relativamente pequena conviveram vários grupos diferentes e como, nessa mesma região, havia uma ocupação densa de aldeias. Quando Rondon se reporta a essa aventura em seu livro sobre a Expedição Científica Roosevelt-Rondon, ele menciona vários nomes de povos entre os quais os chamados Sabanê. Assim aparece pela primeira vez o nome Sabanê: já nos primeiros contatos do tempo da penetração de Rondon no Norte há menção do seu nome. É verdade que não sabemos, na ausência de outros dados, se tratamos aqui do mesmo povo que posteriormente ficou conhecido como Sabanê, já que não é a sua autodenominação, use-se hoje *Kulimansi*. Todavia o nome parece uma corruptela de *sapané*, um termo de parentesco Sabanê que denota uma “irmã menor”. Desse modo, é provável que houve algum contato com os próprios Sabanê e um mal-entendido que fez os invasores entender que o termo seria o nome do grupo (equívoco que ocorreu vários vezes com grupos Nambikwara). Vale acrescentar que, quando Roquette-Pinto (1919) visitou a região nesses anos (entre 1909 e 1913), ele se espantou com a densidade populacional da região e com a extensão de suas atividades agrícolas, absolutamente necessárias para a sustança dessa população, porque contrariaram a ideia tão difundida da “primitividade” dos Nambikwara.

A Linha Telegráfica passou no meio da parte setentrional da região dos Nambikwara do Norte e os diferentes povos que a compunham. Se a identificação dos chamados Sabanê coincide com os Sabanê atuais, como é provável, então esse povo já está na região do Norte desde pelo menos há noventa anos, estabelecendo uma intrincada rede de relações com os outros povos. A Linha se tornou obsoleta depois e, embora nos anos trinta ainda houvesse as estações e a fazenda, a região dos Nambikwara foi praticamente abandonada, e a presença dos neobrasileiros (expressão de Nimuendaju) muito pequena. Ou seja, na época em que Lévi-Strauss seguiu o fio da Linha, ele encontrou muitas dificuldades para viajar na região e teve que se contentar em contatar os índios quase que somente nas estações, ou nas nas viagens destes, e ele nunca teve a oportunidade de visitar uma aldeia. Apesar das dificuldades, o antropólogo conseguiu fazer uma pesquisa em que os Sabanê aparecem como um dos grupos que conseguiu conhecer melhor. Nessa época, então, os índios permaneceram a viver autonomamente, quase que 'isolados', se não fosse pelos contatos regulares com o pessoal da Linha. Lévi-Strauss, no seu livro famoso *Tristes Tropiques* resume a história dos efeitos da construção da Linha nos anos anteriores a 1938:

Pelo menos indiretamente eu desejava me dar conta do número aproximado da população nambikwara. Em 1915 Rondon estimou-a em 20.000, o que provavelmente era exagerada; mas naquela época os bandos atingiam várias centenas de membros e todas as indicações recolhidas sugerem um declínio rápido: faz trinta anos que a fração conhecida do grupo Sabanê compreendia mais de 1000 pessoas; quando o grupo visita a estação telegráfica de Campos Novos em 1928, o censo conta 127 homens, mais as mulheres e as crianças. Em novembro de 1929, no entanto, uma epidemia de gripe se inicia quando o grupo acampava no lugar chamada Espirro. A doença evolui para uma forma de edema pulmonar, e 300 índios morreram em 48 horas. Todo o grupo foge, deixando para trás os doentes e os que estão morrendo. Dos 1000 Sabanê antigamente conhecidos, somente 19 homens restaram em 1938, com suas mulheres e suas crianças. À epidemia se deve acrescentar, talvez, para explicar estes números que, há alguns anos, os Sabanê se meteram em uma guerra contra certos vizinhos orientais. Mas um grande grupo instalado perto de Três Buritis foi liquidado pela gripe em 1927, exceto seis ou sete pessoas das quais somente três ainda estavam vivas em em 1938. (LÉVI-STRAUSS, 1984, p. 347; tradução nossa).

Desse modo, Lévi-Strauss confirma a memória oral da guerra com os vizinhos do leste e a ideia de que os Sabanê antigamente eram muito mais populosos do que no tempo da vida do ex-capitão Sabanê, que calculamos ter nascido por volta de 1943, e que nos contou dados da tradição oral do seu povo. Uma descrição dessa sequência de ocupação da região é fornecida por esse homem mais velho e que morou nas aldeias nessa mesma região até

atingir a idade de um jovem adulto. Depois ele saiu para a sociedade regional em função da enorme depopulação causada por uma epidemia de sarampo, depois das epidemias já mencionadas. Ele nasceu no Tenente Marques, o rio *kókiá* (“gavião”), na aldeia chamada *yatalánma* (uma espécie de abelha grande). A sua aldeia natal fora destruída pelos Cinta Larga, uns índios que vieram do norte ou noroeste e que começaram a invadir e fazer guerra aos grupos indígenas habitantes da região dos ‘Nambikwara do Norte’, agora incluindo os Sabanê. A aldeia teria tido umas vinte casas relativamente pequenas. Desse modo, o narrador migrou depois e cresceu numa aldeia localizada ao lado do rio Roosevelt, *wáyuluawotiá* (“cachorro latiu”), de nome *yatali*, “pau seco”, que consistia de umas vinte casas, talvez um pouco maiores do que as da aldeia anterior. O narrador estima que em cada casa podiam morar em torno de dez pessoas, mas os números absolutos são difíceis de serem avaliados (isso vale tanto o número das casas das aldeias quanto os números das pessoas; a pessoa só aprendeu a contar em português na idade adulta, e não é fácil traduzir quantidades em números estimativos mais seguros). Certo é que a aldeia no Tenente Marques era menor e que as duas aldeias se localizavam a uma viagem de três dias de caminhada em um caminho que, no meio, cruza o rio Três Buritis (chamado de *waykiá*, “pau”). Com o passar do tempo, na medida também que os Cinta Larga continuavam a ameaçar e a atacar as aldeias nessa região, outras aldeias se formavam da junção de habitantes de aldeias abandonadas. Uma dessas aldeias, oito dias em direção nordeste da aldeia do Tenente Marques, chamava-se *tivotá*, “queixada”, e achava-se permanentemente ameaçada pelos Cinta Larga que, calcula-se, moravam há uns doze dias de distância. Outra pequena aldeia, de umas dez casas, ficava ao ao sudeste da mesma aldeia do rio Tenente Marques, e esta sofreu pelo menos uma batalha com os atacantes. A aldeia portava o nome de *ulúnmatití*, “anta”.

Por fim, provavelmente por volta da metade dos anos cinquenta, todos os fragmentos das aldeias que existiam ainda se reuniram em uma única aldeia, por causa da depopulação. Essa aldeia se chama “aldeia velha” ou em Sabanê de *yálesetakípa*, “macaco sauim”, que também absorveu os restos dos Sowaintê que se juntaram aos Sabanê. Vale a pena observar que, dessa forma, os Sabanê e os Sowaintê se fundiram, sendo que, com os Sabanê formando a maioria, a sua língua prevaleceu, e a língua dos seus aliados praticamente sumiu entre os poucos representantes que atualmente são ainda considerados descendentes desse povo. O nome de Sabanê hoje é utilizado para todos, inclusive para os descendentes diretos dos Sowaintê, e para as pessoas de descendência mista: todos são considerados como integrantes do povo Sabanê e chamados como tal. Ou seja, quando Lévi-Strauss encontrou os *Sabané* (de 34 pessoas) e os *Tarundé* (18 pessoas, de língua conhecido hoje como Tawaindê) em 1938, os

dois povos ainda se mantinham separados, mas viviam praticamente juntos e chamavam-se mutuamente pelos termos de afinidade. Como observou o antropólogo, essa prática fazia com que os filhos da geração adulta se chamassem de primos cruzados, isto é, de parceiros potenciais de casamento. Na época e quando escreveu seu livro, o autor especulou sobre a possibilidade da realização desses casamentos e sobre a possível junção dos dois grupos (LÉVI-STRAUSS, 1984, cap. XXIX). Hoje está claro que os atuais Sabanê se compõem dessa fusão e são os descendentes diretos dos povos Sowaintê e Sabanê. É razoável supor que se trata dos mesmos grupos encontrados por Lévi-Strauss, mesmo porque a diferença de nome do outro grupo nesse caso não é relevante já que o termo Sowaintê é de origem Sabanê. O nome valia para os grupos do Nambikwara do Norte, e o mesmo grupo terá tido outras denominações dadas pelos outros grupos/povos vizinhos. Nota-se que também não há muita clareza sobre os nomes dados aos grupos na época de Rondon, tampouco sobre a sua relação com os nomes atuais, geralmente os últimos não são imediatamente idênticos com os antigos.

Dessa história de migração e fusão, resulta que as últimas gerações vivendo em aldeias autônomas viveram nessa grande região, entre os dois rios e em diversas aldeias, e onde muitos morreram, tanto de causas naturais ocasionais, de epidemias e de ataques do outro povo indígena. Desse modo, fincaram um pé firme no território que já era dos Sowaintê desde tempos imemoriais e, mais importante, isso faz com que os atuais Sabanê concebam essa região como seu próprio território legítimo. Como Sabanê que moram na região desde o tempo de Rondon, viveram caçando e plantando, e que morreram enterrando seus mortos nessa terra, e como Sowaintê que habitavam a mesma região desde tempos desconhecidos, o atual povo Sabanê concebe essa área legitimamente como sua terra tradicional.

A história depois da completa fusão com os Nambikwara do Norte é uma sequência de deslocamentos forçados e de problemas para manter uma terra e uma certa união. Os Sabanê e os outros grupos dessa região mantiveram contatos regulares com o pessoal da Linha, em especial as estações em Três Buritis (a mais ao norte e, na verdade, uma fazenda) e José Bonifácio (mais ao oeste, na direção de posto no rio Pimenta Bueno), por onde eles obtinham os bens de consumo, em particular os instrumentos de ferro, que antes já ganhavam pelos contatos no tempo desde Rondon (mas basicamente sem interação pessoal direta com ele). Contatos com os “brancos” aconteceram depois da chegada na região dos altos rios quando, depois da saída e do gradual abandono pelo Estado do pessoal de Linha, terminaram os “presentes”. Os Sabanê iniciaram uma aproximação parcial com o pessoal das estações da Linha. Lá

conheceram os habitantes e começaram a passar pequenas temporadas para trabalhar em atividades locais que lhes renderam os instrumentos de metal tão cobiçados e eficientes. Nesse tempo, não habitavam nas estações, a não ser por períodos curtos de trabalho, ou para simples visitas, em um padrão de contato generalizado para todos os grupos da região, incluindo os Lakondê e os Tawaindê. As estações durante esse período, digamos dos anos vinte ou trinta até os anos cinquenta, constituíam-se como os portais de passagem dos bens industriais e os pontos de contato comum a todas as aldeias dos diversos povos da região. Obviamente, para o pessoal das estações, mesmo muito isolados e parcialmente consistindo de índios Paresi treinados pela Comissão Telegráfica, as suas funções e suas ligações precárias com o resto do país os elevavam, aos seus próprios olhos, à condição de representantes da “civilização” perante os índios selvagens, mansos ou em vias de serem domesticados (veja MACHADO, 1998). No entanto a distância e o abandono reduziram o poder de mando do pessoal da Linha sobre os índios da larga faixa de sua influência, e os povos indígenas mantiveram largamente sua independência política e autonomia socioeconômica. Ao mesmo tempo, as estações forneciam um lugar de encontro para todos os povos, em que algumas pessoas aprenderam a falar a língua dos outros, um lugar provavelmente neutro de trocas e contatos diversos entre grupos e povos diferenciados.

4 A dispersão e o SPI

Os ataques dos Cinta Larga e os efeitos da epidemia acabam por causar uma depopulação entre os Sabanê, outros povos e até dos postos da Linha. Alguns grupos dos Sabanê foram atraídos pelo funcionário do Serviço de Proteção aos Índios que se instalou em Mato Grosso, na aldeia chamada Espirro, dentro da atual “Terra Indígena Pyreneus de Souza” (ao norte de Aroeira). Outros grupos de outros povos, tais como os inimigos dos Sabanê, os Manduka e os Mamaindê, e ainda os Tawaindê e outros possíveis pequenos contingentes de outros grupos, também foram atraídos para essa aldeia em função das promessas de ajuda, de presentes e de uma vida sem pressões de ataques de índios ou regionais. Aqui, durante um longo tempo, o funcionário Afonso França administrou todos esses índios com mão de ferro: sob o lema de ensiná-los a “trabalhar” impôs uma disciplina férrea que se estendia a punições corporais de chicote, inclusive para mulheres e crianças. O grupo de Sabanê do ex-capitão Manezinho fez uma visita à área e, percebendo os mau tratos, decidiu não aceitar o convite de se mudar e resolveu se limitar a visitas curtas. O mesmo seu Manezinho narra um incidente que demonstra a

duresa desse tipo de administração. Dois grupos liderados por dois grandes líderes, que já moravam no Espirito, decidiram fugir e morar na aldeia no Roosevelt, e se juntar aos outros. O funcionário montou uma expedição com os seringueiros “brancos” que trabalhavam para ele, alcançou os fugitivos e mataram os dois capitães. Alguns fugidos chegaram à aldeia livre, mas aqueles que não conseguiram escapar foram devolvidos ao SPI na pessoa de França e punidos. Quando o Afonso França se retirou para um seringal de sua posse, conhecido como “seringal de Faustino” (o nome do seu genro), ou Cachoeirinha, entre Vilhena e Pimenta Bueno, ele levou uma parte dos índios, principalmente Tawaindê, para continuar a trabalhar como trabalhadores braçais para a sua família. Outros índios se dividiram: alguns permaneceram em Espirito, onde, durante um tempo, houve uma substituição por outro funcionário; outros acabaram em Marco Rondon, sob as ordens de um outro regional que respeitava a integridade física dos índios; outros provavelmente se espalharam pela sociedade regional. Vale lembrar que essa foi a época em que os ataques dos Cinta Larga foram mais intensos, e todas as aldeias e povoados da região sentiam-se situados e sujeitos a ferozes ataques. Os índios em Aroeira contam muitas histórias a respeito dessas aldeias (nas décadas de cinquenta e sessenta; veja DAL POZ, 1998, p.191).

Em 1960, quando se construiu a estrada de terra da BR 364, em um esforço de “desenvolvimento”, e o que abriu a região para as primeiras levas de migrantes que vão tomar as terras indígenas e modificar totalmente os padrões de ocupação e posse da terra, ainda existiam os postos da Linha. Porém a Linha e as estações, em especial as que estavam fora do traçado da estrada, perderam toda importância. Assim, o Posto de José Bonifácio, lugar de moradia e mistura limitada de etnias e ponto de encontro dos povos das aldeias da região, acabou sucumbindo aos ataques Cinta Larga e abandonado. Os Sabanê das aldeias sofreram ataques de índios inamistosos e epidemias, sendo inviável sua permanência na área de sua moradia. A maior parte dos que restaram se retiraram para a estação de Vilhena, de onde acabaram encaminhados para Marco Rondon. Observa-se que a saída e o abandono da área de sua ocupação se deu em função dessas condições totalmente adversas criadas pela expansão Cinta Larga e a depopulação: ou seja, não saíram por qualquer motivo que indicasse uma decisão de abandono por sua livre e espontânea vontade. Ao mesmo tempo, a ocupação por neobrasileiros na região aumentou consideravelmente, ocupando outros espaços anteriormente indígenas, modificando os padrões de ocupação e ‘propriedade’ da terra, e, ainda, ávidos para engajar os índios como mão de obra barata em seus projetos econômicos de enriquecimento próprio (terra abaixo ou nenhum custo, e mão de obra muito barata).

Mesmo que este esboço histórico não esteja totalmente seguro em sua sequência cronológica exata e sujeito a alguma cautela (nem sempre é fácil de reconstruir a história com maior segurança), as linhas mestres da história Sabanê são firmemente estabelecidas. Todos os dados mostram como o tempo maltratou esse povo e como as condições forçaram a saída de todos os membros do seu território antigo. Paulatinamente, as aldeias na área de ocupação tradicional foram desmanteladas e abandonadas por causa das mortes e da pressão Cinta Larga, reagrupando-se para resistir em outros lugares até que uma fuga e reorganização na região se tornaram inviáveis, sob pena da extinção definitiva, e uma fuga da área se impôs. Alguns conseguiram se manter em alguns conjuntos de famílias habitantes de lugares como Espirro ou Marco Rondon, outros índios até se inseriram na sociedade regional como trabalhadores regionais, vários migraram para diversos lugares numa região bem maior. No caso de um pequeno grupo de famílias mistas (principalmente Paresi, Lakondê e regional) ligados à Linha, estes foram transferidos para uma estação bem além de Porto Velho (Abunã), quase que cortando relações com os parentes da região de Vilhena (o “polo de crescimento” na região), e cujos membros estão deixando de falar as línguas indígenas e se integrando na sociedade regional (pela poucas notícias que chegaram aos parentes). É possível que outros membros desses povos e dos Sabanê terminaram por se engajar em migrações dentro da sociedade brasileira dominante, representando uma outra via de perda séria de membros das etnias indígenas locais. Em especial, sabe-se que algumas mulheres se casaram com regionais não indígenas, e que os seus filhos foram educados muito mais segundo o padrão e a língua nacional do que com uma real afinidade sociocultural e identificatória indígena. O ex-capitão, por exemplo, trabalhou em uma série de atividades diversas e migrou para uma série de locais também diferenciados, chegando até, ao morar no Acre, antes de um certo momento, voltar a trabalhar em Pimenta Bueno (a cidade nascida do Posto da Linha). Depois da década de sessenta, a nova imigração de “ocupação da Amazônia” tomou conta da região de Rondônia, e até a área de Marco Rondon sofreu de tomada de terra pelos “brancos” não obstante, no entender dos índios, essa área tivesse sido reservada pelas autoridades exclusivamente para eles. Com os escândalos da SPI, totalmente desviada de sua “missão humanitária” de origem – embora possa-se argumentar que uma pessoa como Afonso França é somente uma consequência possível, senão provável, do sentido da superioridade inerente no projeto “civilizatório” de quem sabe ‘o que é bom para os outros’ – a agência se tornou a Fundação Nacional do Índio e renovou sua presença na região.

5 A construção de uma nova aldeia (com vários povos) e a Funai

De fato, quando a estrada de acesso vindo de Cuiabá foi asfaltada, se abriu tanto uma época de maior presença do Estado, inclusive reguladora de um processo de distribuição de terras e de uma apropriação maior de terras por parte de particulares, quanto um período de espoliação, que afetou diretamente todos os grupos e povos indígenas na região. A Funai começou a desenvolver alguma ação compensatória pelas perdas de terras e contra os efeitos negativos que a nova onda de migração causou aos povos indígenas. No sentido de reagrupar os índios em um lugar de seu uso coletivo exclusivo, a Funai empenhou-se em apanhar os índios que viviam em pequenos grupos, ou individualmente, pela região toda, e resolveu criar uma nova aldeia. Desse modo, alguns funcionários, geralmente com as melhores intenções, convenceram os habitantes de Marco Rondon, de Cachoeirinha e de outros locais, a se mudar para dentro da área indígena. Isso, apesar de a terra em Marco Rondon ser de qualidade superior à da terra na área de Aroeira, mas há se de lembrar que a Funai no campo do Estado foi, e continua sendo, uma agência de menor poder de fogo do que, por exemplo especialmene nessa época, o Incra (em Rondônia). O seu Manezinho vivia sozinho na região, nessa época, mas casou com uma índia Sowaintê (Dona Ivone) e, no seu próprio entendimento, foi ele que escolheu o novo lugar de Aroeira e preparou toda a infraestrutura, com a ajuda da Funai, para realizar esse reagrupamento. Ali se recolheram todos os índios de que se obteve notícias e a quem se conseguiu convencer de levantar uma nova aldeia, sob a égide da Funai. Tornou-se, então, “capitão” de Aroeira, e a aldeia se formou de fragmentos dos grupos indígenas Sabanê, Tawaindê, Manduka e Lakondê, sendo que o maior grupo era o primeiro, e o menor o último (hoje, sempre ainda segundo o ex-capitão Manezinho, narrador dessa história). Nota-se que parcelas importantes desses grupos foram forçados a conviver em Espirito e que todos falam línguas da família Nambikwara, não obstante incompreensíveis entre si, salvo o Tawaindê e o Lakondê, e que esses grupos nunca teriam se juntado voluntariamente se não fossem levados pelas imposições circunstanciais. A convivência e as vicissitudes demográficas fizeram com que em, digamos, uns vinte cinco anos de partilha de território, houvesse um número considerável de casamentos intergrupais, sem que, todavia, isso significasse a dissolução das diferenças étnicas. Dessa forma, apesar desses casamentos e uma forte mistura de descendência, o que é complicado resolver sem regras claras de filiação étnica, nessa aldeia o jogo político e faccional tem um componente saliente de etnicidade e que, nesse sentido, difere da grande maioria das aldeias do conjunto Nambikwara, em que um grupo predomina claramente. É assim que os antigos donos dessa terra, os

Manduka, uns dois anos atrás iniciaram a construção de uma nova aldeia em direção à Terra Indígena Nambikwara (a leste, adjacente ao TI Pyreneus de Souza), pretendendo constituir uma aldeia em um território que consideram como seu, e que, naturalmente, conta com uma presença predominante de sua própria etnia. Nesse caso, ainda há a presença de Manduka no outro lado na área “Nambikwara” (junto aos Kithaulu), contígua à nova aldeia, que ainda se localizaria na Terra Indígena Pyreneus de Souza. A convivência com outros grupos é sentida por todos os envolvidos como muito indesejável, buscaram-se aldeias mais homogêneas logo quando concebem existirem as condições para tal mudança.

Desse modo, os Sabanê se inserem em um contexto em que, quase sempre, por vezes se juntam todos esses grupos/povos diferentes sob o nome abrangente de Nambikwara, tal como, por exemplo, na literatura acadêmica ou por burocracias, como a Funai de Brasília. No nível local, por outro lado, o caráter multiétnico é reconhecido, e o nome Nambikwara reservado para um grupo desse conjunto que habita na Terra Indígena Nambikwara e que se constitui de um grupo de Nambikwara do campo falante de um dialeto da língua pertencente à chamada língua Nambikwara do Sul. Aroeira se construiu, sob inspiração da Funai, na única aldeia para acomodar os fragmentos de vários grupos do conjunto dialetal do Nambikwara do Norte, acrescentados dos Sabanê, na tentativa de fornecer uma “reserva” oficialmente reconhecida, sem problemas fundiários, e assegurar a possibilidade de uma recuperação demográfica. Hoje a aldeia contém cerca de 220 habitantes, dos quais umas cem pessoas são considerados como Sabanê. Como há em torno de trinta Sabanê morando na cidade de Vilhena, a população total desse povo está por volta de 130 pessoas. A situação linguística se caracteriza pela predominância absoluta do monolinguismo em português. Aproximadamente 8 pessoas dominam a língua Sabanê ainda (cerca de 8% do total), mas esse contingente em geral já tem a idade de mais de 40 anos. Ao mesmo tempo, as crianças são exclusivamente monolíngues em português, e são educadas em português (com a exceção de um só menino que é estimulado a aprender também o Sabanê como segunda língua). Os falantes costumam usar a língua entre si, e não a utilizam quando na presença de pessoas não falantes. Obviamente, todos os contatos com a sociedade nacional ocorrem em português, e o idioma Sabanê está, portanto, em sério risco de extinção. Pela idade dos falantes e não falantes, estimamos que o português substituiu a língua indígena como língua cotidiana há cerca de 35 anos.

A região do atual Posto Indígena Aroeira se caracteriza ecologicamente pela transição entre cerrado e floresta tropical, entre a Chapada dos Parecis e

início da mata amazônica. Nessa região, a vegetação varia entre matas mais densas nos vales, e campos com arbustos e uma vegetação mais rasteira. A área da Terra Indígena sofreu já com a presença humana. A técnica de agricultura usual consiste da derrubada da mata e a queima da vegetação para adubar a terra com as cinzas. Vale notar, aliás, que nas primeiras descrições das roças da antiga área dos Nambikwara do Norte, da época da penetração da Linha Telegráfica, se ressalta como os índios praticavam uma agricultura extensa, e muito variada em número de cultígenos conhecidos. Hoje as roças produzem principalmente milho, mandioca, batata doce e banana. Após a colheita, uma parte, aparentemente uma parte considerável, dessa produção é vendida ou trocada no comércio de Vilhena para obter as novas necessidades, tais como arroz, sal, óleo e carne (porque, atualmente, a área é pobre em caça). Tanto os Sabanê, como os Tawaindê e outros, preparam farinha de mandioca para a mesma finalidade. Na sede do posto, há uma infraestrutura que apoia a criação de gado, e esse rebanho é paulatinamente abatido durante o ano para o provimento de carne à comunidade, mas esse fornecimento é insuficiente para uma alimentação regular de carne. Além disso, parece que raramente se aproveita o gado para ordenhação e para tirar o leite. Recentemente, se iniciou uma atividade apícola, mas esta ainda é muito incipiente e, até agora, só algumas pessoas parecem obter algum lucro com a venda de mel. Em geral, as atividades econômicas são desempenhadas por unidade de família, e os resultados se revertem para essa família. Uma parte importante da renda monetária da comunidade advém das aposentadorias que o Estado paga para trabalhadores rurais com mais de sessenta anos. Essa renda é de cerca de um salário mínimo, o que não parece ser muito dinheiro para um cidadão, mas que é fundamental dado o problema generalizado de obter renda para a obtenção de “mercadorias” já tornadas indispensáveis, tanto para a provisão alimentar diária, como para outros desejos de consumo. Quase todas as famílias e grupos domésticos, ou conjuntos de casas de parentes próximos, possuem idosos aposentados. A presença de um pequeno número de índios empregados, enquanto assistente de enfermagem ou monitor de educação, complementa o quadro de fontes de renda do exterior. Em suma, o quadro econômico apresenta sérias dificuldades na articulação entre a produção local e as necessidades sentidas de influxo de mercadorias do exterior.

6 Conclusão: o retorno

A convivência de três ou quatro grupos de origens diferentes em Aroeira causa tensões adicionais ao tempo que a terra não é muito boa para

agricultura e, ainda, também existem poucos outros meios de sustento e de produção de produtos que possam assegurar uma renda para comprar bens industrializados da sociedade nacional. Hoje se sente necessidade inclusive de roupa e certos tipos de comida a que boa parte dos índios, senão todas as pessoas, mas particularmente os jovens, estão acostumados. Por essas diversas condições socioculturais e econômicas, o ex-capitão e alguns outros conceberam um projeto de retorno a sua terra e seu território de origem na região de Roosevelt e Tenente Marques. Este retorno é de grande importância para o povo Sabanê. Primeiro, porque a terra em Aroeira não é a terra deles de origem, mesmo que as mais novas gerações tenham nascido lá: é a terra do outro povo. Segundo, porque a convivência com outras etnias cria uma tensão adicional, especialmente, é de se supor, por causa da presença de um outro povo considerado o dono da área e de mais um outro povo que também está fora de sua terra tradicional. mas com uma presença marcante em termos de alguns dos mais velhos que influenciam a política interna e externa no conselho político informal dos velhos (sem falar dos poucos descendentes de mais um outro povo, mas que perdeu seu líder mais velho). Terceiro, porque a aldeia atual fica em terras mais pobres, em qualidade de terra e quantidade de caça, comparado com o território tradicional. Quarto, porque somente com uma aldeia um pouco mais distante da cidade, e com esses maiores recursos naturais em terra tradicional, pode-se aglutinar uma concentração de Sabanê que, não somente se sentem legitimamente em sua terra, mas em que, ao compor a maioria e predominância sociopolítica, criam-se as condições para uma reprodução de sua cultura e língua particular. Ou seja, como já visto, a língua Sabanê se encontra seriamente ameaçada de extinção, especialmente depois do reagrupamento, em Aroeira a influência de língua portuguesa cresceu assustadoramente, e somente algumas dez pessoas (das mais velhas) falam a língua fluentemente. Nem os jovens, nem os monitores de educação bilíngue, demonstraram interesse em retomar a aprendizagem dessa língua, pelo menos até muito recentemente. O interesse crescente, por parte de organizações indígenas, índios e o MEC, está começando surtir algum efeito em Aroeira, mas seria indubitavelmente bem mais efetivo se os Sabanê fossem construir a sua própria aldeia e enfatizar sua especificidade cultural e linguística. Quando, digamos, entre si e voltados para si enquanto povo, com suas particularidades, o ensino do língua pode ter uma chance de reverter o quadro atualmente altamente desfavorável da manutenção da língua. A única chance, e mesmo assim uma chance muito tênue, de permanência da língua Sabanê está na realização de uma aldeia etnicamente mais ou menos homogênea na sua terra tradicional.

Um suma, há sólidos argumentos históricos e razões sociais atuais para apoiar os Sabanê em sua vontade de retornar ao território de seus ancestrais, tanto dos Sabanê, quanto do grupo de Nambikwara do Norte que, na prática, assimilaram. O filho do ex-capitão comprou um sítio ao lado do rio Roosevelt, próximo dos restos até hoje facilmente discerníveis de uma aldeia abandonada na margem direita do rio, mata adentro (e a sua mãe, como visto, é uma das últimas Sowaintê). A ideia é de retornar para essa mesma área de ocupação anterior e para o lugar de vida dos ancestrais e dos mortos enterrados de gerações anteriores de índios Sabanê, sendo também o local de juventude do mesmo líder. O problema, na verdade, é que, enquanto o abandono antigo da área e os investimentos feitos em Aroeira são superáveis, o maior obstáculo é que a área atualmente já é terra indígena demarcada. Mas, Terra Indígena pertencente aos índios que expulsaram os Sabanê e os Nambikwara do Norte de toda a região, ou seja, os Cinta Larga. A terra em questão na margem direita do rio Roosevelt (para o lado leste na direção do Tenente Marques) é a ponta mais meridional da parque indígena Aripuanã. Nesse sentido, há um conflito de interesses entre dois povos indígenas, mas que também foi engendrado pela mediação da categoria jurídica de “terra indígena” conferida pelo Estado brasileiro. Quando foram feitos os estudos para a decisão de incluir esse ponto meridional da expansão Cinta Larga na sua terra indígena, havia pouco tempo que efetivamente estes ocuparam a região. Ou seja, em termos de direitos à terra, os Nambikwara do Norte e os seus aliados, os Sabanê, detêm muito mais direito de retorno à região (inclusive, é bom lembrar, partes importantes da região fora deste Parque Indígena, no caso dos Lakondê e dos Tawaindê) do que os Cinta Larga, que, pelo que parece, ocupam muito mais a parcela ao norte do que efetivamente essa ponta do parque. Dessa maneira, é legítima a vontade de retorno ao território juridicamente já indígena sobre o qual tem tanto, ou, na verdade, mais direito do que os atuais donos formais. Também é um movimento que é de grande, talvez até de fundamental, importância para a continuidade étnica, a cultura e a língua Sabanê, se uma boa parcela deste povo se radica no seu antigo território: **ao retomar a sua terra, os Sabanê retomam a possibilidade de manter as suas tradições próprias** e reforçam enormemente a possibilidade de sua permanência no futuro enquanto povo e etnia específica. Como todos os povos indígenas, os povos dessa região têm **o direito de viver com os seus, entre si, na sua própria terra** e de determinar, desse modo, o seu próprio futuro. É uma tarefa dos órgãos burocráticos estatais, em particular a Funai, e uma tarefa obrigatória do Estado, de assistir no processo de negociação dos Sabanê com os Cinta Larga e de assegurar, por diversos meios, o retorno dos Sabanê à terra tradicional.

Referências

DAL POZ, João. "Os ritos da identidade: Um estudo das relações étnicas nos cinto larga". In: BARROS, Edir P. de (Org.). *Modelos e processos: ensaios de etnologia indígena*. Cuiabá: EdUFMT, 1998. p.149-226.

LÉVI-STRAUSS, Claude *Tristes Tropiques*. Paris: Plon, 1984.

MACHADO, Maria Fátima Roberto. "Rondon e os Paresi: As representações indígenas sobre o amure etnógrafo". In: BARROS, Edir P. de (Org.). *Modelos e processos: ensaios de etnologia indígena*. Cuiabá: EdUFMT, 1998. p. 227-308.

ROQUETTE-PINTO, E. *Rondonia*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

RONDON, Candido Mariano da Silva *Conferencias realizadas pelo Coronel Candido Mariano da Silva Rondon Chefe da Commissão*. Rio de Janeiro: Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas e Typ. Jornal do Commercio, 1916.

_____. *Conferencias realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e São Paulo pelo Tenente-Coronel Candido Mariano da Silva Rondon*. Rio de Janeiro: Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas de Matto Grosso ao Amazonas e Typographia Leuzinger, 1922.

Recebido em 3 de maio de 2015

Aprovado para publicação em 9 de outubro de 2015